O "ROLINHO COMPRESSOR"

As garôtas campeãs do nosso voleibol feminino devem o seu êxito a dois lemas e ao espírito de união da "família" a que pertencem — Os lemas: "Uma vez Flamengo, sempre Flamengo e "Valor moral igual ao valor técnico" — Os chefes da "família": o casal Zoulo Rabello e o técnico Luís de Souza — A sub-sede rubro-negra, onde tudo se resolve.

Reportagem de JUVENAL PASSOS
Fotos de YLLEN KERR e ORLANDO MACHADO

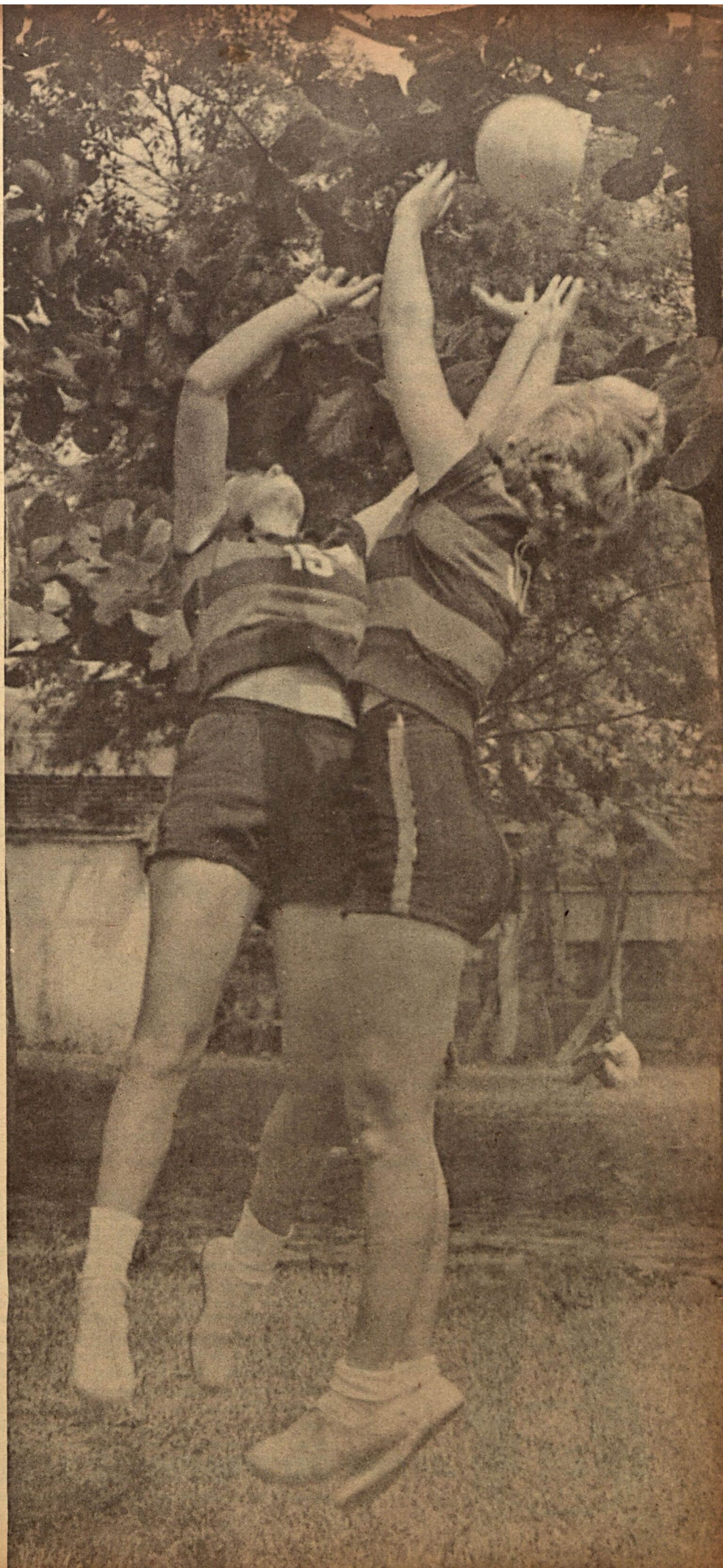
1 Leila Fernandes Peixoto começou mesmo no Flamengo a sua carreira de atleta e de jogadora. Títulos no atletismo: campeã juvenil em 1949, estreiante em 1950, colegial em 1949. Títulos no voleibol: bi-campeã brasileira e idem carioca, campeã dos Jogos da Primavera (51), do Torneio da Cidade do Rio de Janeiro (50), tetra-campeã da Taça Tabajuca, vice-campeã carioca (50) e idem do Torneio Extra Brasileiro (1951).

2 Carmem Sílvia Castelo Branco — "Carminha" — é natural do Pará e estuda no Anglo-Americano. Como quase tôdas as suas colegas, começou a jogar nas praias. Campeã sul-americana (1951), campeã brasileira (1950), bi-campeã carioca invicta (1951 e 1952), quatro vêzes vencedora da Taça Tabajuca, campeã dos Jogos da Primavera, e muitas vêzes campeã colegial. Mas quanto à idade só revelou que nasceu num 23 de março...

3 Carmem Marques Pereira — "Carmen Godinha" (irmã de Godinho, campeão de basquetebol) — Fluminense. Campeã brasileira (1952), bi-campeã carioca invicta (1951 e 1952), campeã dos Jogos da Primavera (1951), campeã do torneio Cidade do Rio de Janeiro (1950), quatro vêzes vencedora da Taça Tabajuca, bi-campeã dos Torneios da Praia. Versátil como outras do "rolinho", já foi campeã de barco a vela e natação.

4 Maria Lúcia Rabello, carioca, é filha do dedicado técnico Zoulo Rabello, de quem herdou o entusiasmo pelo voleibol. Data do aniversário: 14 de fevereiro. Estudou no Colégio Mello e Souza, está agora no Anglo-Americano. Iniciou-se no vôlei em 1950, tendo conquistado o título de vice-campeã colegial em 1952. Campeã carioca da 2.ª divisão em 1952. Forma entre as reservas do Flamengo para suas equipes principais.

5 Marina Conceição Celistre, gaúcha pôrto-alegrense, estuda no Ginásio Batista Americano e recebe felicitações natalícias a cada 28 de dezembro. Campeã rio-grandense (2.ª divisão) em 1950, vice-campeã gaúcha em 51 e novamente campeã do mesmo Estado em 52. Laureada no atletismo gaúcho, ainda mantém lá o seu récorde: 4,72m no salto em distância para principiantes. Novata no "rolinho compressor", pretende ser campeã com êle e continuar colecionando títulos.

6 Marlene Guedes Schenkel, fluminense, fez-se campeã colegial (Mello e Souza) em 49 e nesse mesmo ano ingressou no Fluminense. Campeã do Torneio Cidade do Rio pela 1.ª divisão ainda no tricolor. Em 51 foi para o Flamengo. Campeã carioca invicta em 51 e 52, campeã sul-americana em 51, brasileira em 52. Bi-campeã da Taça Tabajuca, em 51 e 52. Campeã dos Jogos da Primavera em 51. No atletismo, campeã juvenil de 1949, quando se revelou já uma estrêla.

O "ROLINHO COMPRESSOR" *(conclusão)*

A história do "rolinho compressor" é uma história recente, envolve poucos personagens, mas conta inumeráveis glórias. O "rolinho" — a equipe feminina do voleibol rubro-negro — começou a viver em 1948, quando deu seus primeiros passos numa fase discreta de puro treinamento. Mas um ano e meio depois apareceu jogando, para daí por diante impor, de maneira cada vez mais espetacular, a supremacia do Flamengo no voleibol feminino não só do Rio mas de todo o país. Até mesmo no Continente esta supremacia se tem feito sentir, pois numa recente excursão ao Peru as meninas do "rolinho compressor" se mantiveram invictas por uma temporada de nada menos de duas dezenas de jogos. Qual é o segrêdo de tamanho êxito? Como se explica o espantoso padrão esportivo adquirido por essas jovens estrelas da bola branca? Para responder, voltemos à história, ou melhor, aos personagens — que são as jogadoras: Rosa Maria Teixeira Bastos O'Shea, Maria Pequenina de Azevedo, Leila Fernandes Peixoto, Marlene Guedes Schenkel, Daisy Baskerville Lucas, Carmen Sílvia Cardoso Castelo Branco, Carmen Marques Pereira, Lígia Cossenza Rodrigues, Selma Pereira do Amaral, Marina Conceição Celistre, Maria Lúcia Rabello, o técnico Zoulo Rabello, sua espôsa e colaboradora Yolanda Maggioli Rabello, e outro técnico, o conhecido "Passarinho" (Luís de Souza). Estas 14 pessoas constituem o departamento feminino de voleibol do Flamengo, que ao tradicional lema do "mais querido" ("uma vez Flamengo, sempre Flamengo") acrescentaram um outro que vem sendo rìgidamente observado: "valor moral igual ao valor técnico". Mas há mais: os dirigentes e as integrantes do "rolinho compressor" formam uma família modelar e estreitamente unida — "a família Zoulo Rabello". A casa dêste técnico é por assim dizer uma sub-sede rubro-negra, onde êle e sua espôsa diligenciam amorosamente tôda assistência "paternal" as suas 11 "filhas" (uma delas, Maria Lúcia Rabello, é mesmo filha do casal Zoulo-Yolanda). E' nesse lar esportivo que se resolvem todos os problemas do voleibol feminino que tão impressionantemente vem defendendo as côres do Flamengo e do Brasil. E' ali que os brotos da bola branca se concentram, treinam, programam excursões e choram as derrotas (o que não tem acontecido ùltimamente). E' ali que se destrincham até mesmo os casos sentimentais das garôtas (que não são poucos). E tudo isso explica, portanto, porque o "rolinho" tem tanta classe e tantas vitórias vem acumulando numa história que, embora curta, já é gloriosa.

O segrêdo de tantas vitórias do "rolinho compressor" fica também explicado nestas fotografias: é o treinamento metódico, intensivo, de elevado padrão técnico. Prepara-se o físico nas quadras do Flamengo e a exemplar combatividade esportiva na concentração do lar Rabello. E por isso elas colecionam tantos títulos.